

HINÁRIO LITÚRGICO – III

CNBB

HINÁRIO LITÚRGICO – III

DOMINGOS DO TEMPO COMUM – ANO B
O ANO DE MARCOS



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*
Produção: *Equipe de Reflexão da Música Litúrgica da CNBB*
Editoração eletrônica e revisão das partituras: *Eurivaldo Silva Ferreira (Encore)*

Revisão: *Cícera Gabriela Sousa Martins*
Tiago José Risi Leme
Pe. José Carlos Sala
Pe. Jair Oliveira Costa
Márcio Antônio de Almeida
Reginaldo Veloso
Eurivaldo Silva Ferreira
Iorlando Rodrigues Fernandes

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Ilustrações: *Frei Pedro da Silva Pinheiro, ofm*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4659-9

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	9

1ª PARTE

CANTAR O ORDINÁRIO DA MISSA

1. Sinal da Cruz e Saudação Apostólica	15
2. Rito penitencial	16
3. Hino de Louvor	29
4. Oração do dia [Coleta]	43
5. Leituras	44
6. Respostas às preces dos fiéis.....	46
7. Santo, Aclamação memorial e Doxologia	47
8. Oração do Senhor [Pai-Nosso]	62
9. Cordeiro de Deus	68

2ª PARTE

CANTAR O PRÓPRIO DO TEMPO COMUM

Cantar ao Senhor no Tempo Comum	77
2º DTC: Domingo dos primeiros discípulos	84
3º DTC: Domingo dos primeiros missionários	89
4º DTC: Domingo da Divina Autoridade	94
5º DTC: Domingo da Divina Inclusão	99
6º DTC: Domingo da Divina Libertação	104
7º DTC: Domingo da Divina Misericórdia	109
8º DTC: Domingo da Divina Novidade	114
9º DTC: Domingo da Divina Liberdade	119
10º DTC: Domingo da Família de Jesus	124
11º DTC: Domingo das sementes do Reino	129
12º DTC: Domingo da tempestade acalmada	134
13º DTC: Domingo da mulher e da menina	139
14º DTC: Domingo do Carpinteiro, filho de Maria	144
15º DTC: Domingo dos Doze Enviados	149
16º DTC: Domingo do Pastor das ovelhas abandonadas	154
17º DTC: Domingo da multiplicação do pão	159
18º DTC: Domingo do Pão da Vida	164

19º DTC: Domingo do Pão descido do céu	168
20º DTC: Domingo do alimento da vida eterna	172
21º DTC: Domingo da decisão pelo Santo de Deus	176
22º DTC: Domingo das mãos sujas e do coração limpo	181
23º DTC: Domingo do surdo-mudo	186
24º DTC: Domingo do “Vai para trás, satanás!”	191
25º DTC: Domingo do “quem quer ser o maior”	196
26º DTC: Domingo da abertura do coração	201
27º DTC: Domingo da dignidade do matrimônio, da mulher e da criança	206
28º DTC: Domingo da entrega incondicional	211
29º DTC: Domingo do pedido de Tiago e João	216
30º DTC: Domingo do cego Bartimeu	221
31º DTC: Domingo dos dois maiores mandamentos	226
32º DTC: Domingo dos doutores, dos ricos e da viúva	231
33º DTC: Domingo da grande espera	236
34º DTC: Domingo de Cristo Rei	241
Domingo da Santíssima Trindade.....	248
Festa do Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue de Cristo	253
Festa do Sagrado Coração de Jesus	260

3ª PARTE

CANTOS OPCIONAIS

Abertura	267
Apresentação das oferendas	282
Comunhão	292
Índice Geral dos domingos e festas do Senhor no Tempo Comum – Ano B	307
Índice alfabético.....	313

APRESENTAÇÃO

“A Igreja celebra, cada oitavo dia, o Mistério Pascal. Esse dia chama-se justamente dia do Senhor ou domingo” (SC 106). Esse dia, “dia da festa primordial”, no tempo comum, ganha uma força própria. Nele não destacamos aspectos particulares do Mistério de Cristo, mas o veneramos em sua totalidade, vivo e presente na comunidade dos que creem.

O canto litúrgico, em profunda sintonia com os ritos, gestos, textos litúrgicos e bíblicos, possibilita o mergulho no mistério celebrado e o encontro com o Cristo presente na comunidade em oração.

Com alegria, apresentamos à Igreja do Brasil o 3º fascículo do Hinário Litúrgico – edição em partituras – revisado e atualizado, com os cantos para o Ano B, ano de Marcos. Um trabalho minucioso, realizado pela Equipe de Reflexão de Música sob a coordenação do Assessor da CNBB para a Música Litúrgica, Pe. José Carlos Sala (2008-2014).

O livro contém três partes:

- a) **Cantar o Ordinário da Missa:** Variadas melodias para as partes fixas da missa, com acento especial ao canto do presidente da celebração.
- b) **Cantar o Próprio do Tempo Comum:** Cantos para todos os domingos do Tempo Comum.
 - Abertura: Refrão inspirado na Antífona de Entrada de cada domingo e estrofes com textos de salmos;
 - Salmo Responsorial: Com texto próprio do lecionário e variadas melodias;
 - Aclamação: Aleluia para o refrão e estrofe a partir do versículo do dia;
 - Apresentação das Oferendas: Cantos variados do repertório brasileiro;
 - Comunhão: Refrão inspirado no Evangelho do dia que aponta para a unidade entre a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia, e estrofes com textos de salmos.
 - A mesma melodia é usada por quatro domingos seguidos a fim de facilitar a assimilação, modificando apenas os textos dos refrãos próprios para cada domingo (abertura, salmo responsorial, aclamação, comunhão).
 - Importante ressaltar que, para cada domingo, há um pequeno texto introdutório de reflexão sobre o Evangelho do dia, a fim de possibilitar aos agentes de música melhor participação e vivência litúrgica.
- c) **Cantos Opcionais:** Com o objetivo de oferecer mais opções para a abertura, apresentação das oferendas e a comunhão, acrescentamos diversos cantos retirados do variado repertório litúrgico-musical da Igreja do Brasil.

Que Deus ilumine e inspire os agentes de música litúrgica no valioso serviço que prestam à Igreja do Brasil e “toda a comunidade dos fiéis possa oferecer a participação que lhe é própria” (SC 114).

Dom Armando Buccioli
Presidente da Comissão Episcopal para a Liturgia

INTRODUÇÃO

FUNÇÃO MINISTERIAL DO CANTO E DA MÚSICA NA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

“O Apóstolo aconselha os fiéis, que se reúnem em assembleia para aguardar a vinda do Senhor, a cantarem juntos salmos, hinos e cânticos espirituais (cf. Cl 3,16), pois o canto constitui um sinal de alegria do coração (cf. At 2,46). [...] Portanto, dê-se grande valor ao uso do canto na celebração da missa, tendo em vista a índole dos povos e as possibilidades de cada assembleia litúrgica” (IGMR, 39-40).

Conforme a orientação do Concílio Vaticano II, a música apropriada à liturgia é aquela que está mais intimamente integrada à ação litúrgica e ao momento ritual ao qual ela se destina (cf. SC 112).

A música litúrgica expressa o mistério de Cristo e a sacramentalidade da Igreja. O gesto sacramental de cantar “a uma só voz” pressupõe a participação ativa, interior, consciente, frutuosa, plena de todo o povo sacerdotal congregado no Espírito Santo, durante a ação litúrgica.

1. Graus de importância do canto litúrgico nas celebrações

Tomando como referência a celebração eucarística, o canto e a música podem ser classificados, em grau de importância, em dois blocos: os que *constituem* um rito e os que *integram* um rito.

a) Principais cantos que constituem um rito:

- Nos Ritos Iniciais: *Senhor, tende piedade de nós; Glória.*
- Na Liturgia da Palavra: *Salmo responsorial; Creio.*
- Na Liturgia Eucarística: *Prece Eucarística (do diálogo inicial até o “Amém” da doxologia final); Pai-nosso.*

b) Principais cantos que *integram* um rito:

- Nos Ritos Iniciais: *Abertura; Aspersão.*
- Na Liturgia da Palavra: *Aclamação ao Evangelho; Respostas da oração universal dos fiéis*
- Na Liturgia Eucarística: *Oferendas; Canto da fração do pão (Cordeiro de Deus); Comunhão.*

Os cantos que constituem um rito são mais importantes do que aqueles que integram um rito. A grande vantagem daqueles é que seu texto não muda e podem ser cantados de cor, dispensando o “papel” (o folheto), que tanto dificulta a comunicação entre os participantes. Os textos dos cantos que constituem um rito não podem, em hipótese alguma, ser substituídos ou parafraseados.

2. Função ministerial de cada canto da celebração eucarística

2.1. Canto de abertura

O canto de abertura, assim como os demais elementos que compõem os ritos iniciais de uma celebração, tem como principal finalidade constituir e congregar a assembleia. Se esse canto estiver devidamente integrado ao momento ritual (dos ritos iniciais), em consonância com o tempo do ano litúrgico, com o tipo de celebração, com as características da assembleia..., ele cumprirá a sua função de reunir os irmãos e irmãs no mesmo sentir. A assembleia assim reunida é sinal sacramental da Igreja, corpo místico de Cristo, e estará preparada para escutar a Palavra e para participar na mesa eucarística.

2.2. Senhor, tende piedade de nós

O “Senhor tende piedade de nós” ou “Kyrie eleison” pertence ao bloco de cantos que constituem um rito da celebração eucarística, ou seja, o que costumamos chamar de “ordinário da missa”.

A Instrução Geral Sobre o Missal Romano nos lembra que o “Kyrie, eleison” é uma aclamação e invocação da misericórdia do Senhor (cf. IGMR, 52), o “Kyrios”. Embora consciente da dificuldade de se precisar a origem da invocação “Senhor, tende piedade de nós” e sua inclusão no rito da missa, testemunhos antigos nos revelam que os “Kyrie” estavam relacionados com a resposta da oração dos fiéis, na liturgia da Palavra. A cada invocação o povo respondia com o “Kyrie, eleison”. Mais tarde, esse canto foi incluído nos ritos iniciais da missa após o ato penitencial ou como uma variante deste.¹ Sua forma litânica (de ladainha) pressupõe, no momento de sua execução, a presença de um(a) solista que dialogará com a assembleia.

2.3. Glória

O “Glória” também pertence ao bloco dos cantos que constituem um rito. É um hino que remonta aos primeiros séculos da era cristã. Na Instrução Geral Sobre o Missal Romano lemos que o “Glória” é um “hino antiquíssimo e venerável, pelo qual a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro” (IGMR, 53).

Essa definição nos deixa claro que o “Glória” é um hino doxológico (de louvor/glorificação) que canta a glória do Pai e do Filho. Porém, o Filho se mantém no centro do louvor, da aclamação e da súplica. Movida pela ação do Espírito Santo, a assembleia entoava esse hino que tem sua origem naquele canto dos anjos que ressoou pela primeira vez nos ouvidos dos pastores de Belém, na noite do nascimento de Jesus (cf. Lc 2,14).

O “Glória” pode ser dividido em três partes:

- a) O canto dos anjos na noite do nascimento de Cristo: *“Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados”*;
- b) Os louvores a Deus Pai: *“Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso: nós vos louvamos, nós vos bendizemos, nós vos adoramos, nós vos glorificamos, nós vos damos graças por vossa imensa glória”*;
- c) Os louvores seguidos de súplicas e aclamações a Cristo: *“Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. Só vós sois o Santo, só vós o Senhor, só vós o Altíssimo Jesus Cristo”*.

O “Glória” termina de forma majestosa incluindo o Espírito Santo. É importante lembrar que essa inclusão não constitui, em primeira instância, um louvor explícito à terceira pessoa da Santíssima Trindade. O Espírito Santo aparece relacionado com o Filho, pois é neste que se concentram os louvores e as súplicas. Em outras palavras: O Cristo se mantém no centro de todo o hino. Ele é o “Kyrios”, o Senhor que desde todos os tempos habita no seio da Trindade.

2.4. Salmo responsorial

A reforma empreendida pelo Concílio Vaticano II valorizou, de forma expressiva, o salmo responsorial, ligando-o sempre ao sentido teológico da primeira leitura. O salmo ocupa um espaço significativo como resposta por dois motivos: porque é cantado em forma dialogal entre salmista e assembleia e porque

¹ No atual *Missal Romano*, a fórmula 3 do ato penitencial apresenta algumas invocações que são concluídas com o “Senhor, tende piedade de nós”. Quando se usa essa fórmula ou outra similar durante o ato penitencial, a IGMR recomenda que sejam supressas as invocações do “Senhor, tende piedade” que vêm logo a seguir.

é escolhido para responder à Palavra de Deus proclamada, prolongando, assim, seu sentido teológico-litúrgico e espiritual. Esse prolongamento vai-se dando enquanto o(a) salmista entoava as estrofes e a assembleia repete o mesmo refrão. Poderíamos dizer que este salmo ressoa nos ouvidos e no coração da assembleia como um suave eco daquela leitura. É a sua resposta em forma de oração.

É “parte integrante da liturgia da Palavra” (cf. IGMR, 61). Tem valor de leitura bíblica. Porém, essa “leitura” possui um caráter diverso das demais proclamadas na liturgia, uma vez que sua estrutura literária é essencialmente lírica e poética.

Via de regra, o salmo responsorial – ao menos nos domingos e festas – deve ser cantado. Não podemos nos contentar com uma simples recitação. Uma melodia elaborada, com fraseado e cadência bem preparados, traz às palavras do salmo um sabor todo especial. O canto favorece a compreensão do sentido espiritual do salmo e contribui para sua interiorização. Neste fascículo do “Hinário Litúrgico” encontra-se um amplo repertório com melodias para os anos A, B e C.

2.5. *Aclamação ao Evangelho*

O canto que precede a proclamação do Evangelho nada mais é do que um “viva” pascal ao Verbo de Deus que nos tirou das trevas da morte, introduzindo-nos no reino da vida. Além de acompanhar a procissão do livro dos Evangelhos (Evangelário) até a estante da Palavra, este canto prepara o coração dos fiéis para a escuta atenta daquele que só tem a nos dizer “palavras de vida eterna” (cf. Jo 6,68).

Uma aclamação ao Evangelho que se preze, deve ter ritmo vigoroso e melodia brilhante. O clima geral será de expectativa, de prontidão, pois o Senhor nos vai falar. Para que isso aconteça, os instrumentos musicais, assim como as vozes da assembleia, devem ressoar com o máximo de eloquência.

A aclamação ao Evangelho é constituída de dois elementos básicos: um refrão composto de um ou mais *aleluias* (exceto na Quaresma) e um versículo, normalmente ligado ao sentido do Evangelho que logo será proclamado.

2.6. *Canto da apresentação das oferendas*

O rito da apresentação dos dons do pão e do vinho normalmente vem acompanhado de um canto que, dependendo do momento em que é executado, podemos chamar de: “canto da procissão das oferendas”, quando se faz a procissão dos dons; “canto da preparação das oferendas”, quando não há procissão, mas apenas a preparação da mesa e dos dons para a Eucaristia; “canto da apresentação das oferendas”, quando aquele que preside canta a oração da bênção: “Bendito sejas Senhor Deus do universo pelo pão [...], pelo vinho...”

Contudo, se quisermos cantar um canto que combine com o momento ritual da preparação e apresentação dos dons, devemos ter bem claro que esse canto tem como principal objetivo criar um ambiente de alegria, de partilha, de louvor. Em outras palavras, o canto deverá sensibilizar os fiéis para a generosidade e a gratuidade, uma vez que a mesma assembleia ali reunida em nome de Cristo, no Espírito, apresenta ao Pai todos os seus dons, simbolizados no pão e no vinho. Aliás, o texto do canto em questão não precisa falar, necessariamente, de pão e de vinho, e muito menos ainda de oferecimento.

2.7. *Prece eucarística*

A prece eucarística “é o centro e o ápice de toda a celebração eucarística” (cf. IGMR, 78). Consciente desta centralidade, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com particular apreço, recomenda a utilização do canto de toda a prece eucarística, tanto da parte do presidente, como daquelas que competem à assembleia, isto é, desde o “Diálogo inicial” do prefácio até o “Amém” da doxologia final.²

² Cf. CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil* (Documentos 43), p. 303-306.

Embora composta de elementos contrastantes, a prece eucarística forma um *todo* harmonioso, pois mantém “uma linha única e dinâmica”.³ Sob o ponto de vista musical, o ideal seria que essa prece também recebesse uma roupagem musical mais homogênea, ou seja, ao longo de toda a oração, houvesse uma lógica musical interna, a começar pela utilização de uma tonalidade/modalidade única, embora os gêneros (recitativo, hino, aclamações) sejam variados. Essa unidade musical poderá ajudar os fiéis a uma compreensão mais global da prece eucarística. Em outras palavras, trata-se daquilo que na linguagem musical se diz: “variações sobre um mesmo tema” que vem exposto no prefácio e desenvolvido nos demais elementos da oração eucarística.

A nova edição do *Missal Romano* (3ª edição típica – ano de 2002) traz, no corpo do missal, sugestões de melodias para o presidente. Uma equipe de músicos, com o apoio da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia da CNBB, está trabalhando na elaboração de melodias originais que virão inseridas no novo missal. Todas as preces eucarísticas terão, em breve, melodias próprias, desde o “Diálogo inicial” do prefácio até o “Amém” da doxologia final.

2.8. Cordeiro de Deus

O “Cordeiro de Deus” é uma prece litânica (em forma de ladainha). Após cada invocação entoada pelo(a) cantor(a), a assembleia responde com o “tende piedade de nós” e, no final, com o “dai-nos a paz”. Esse canto é executado durante o rito da fração do pão, na liturgia eucarística. A invocação: “*Cordeiro de Deus que tirais o pecado mundo, tende piedade de nós*” pode ser repetida enquanto durar a fração do pão, terminando-se sempre com as palavras “*dai-nos a paz*” (cf. IGMR, 83b). Vale ressaltar que nas celebrações dominicais da Palavra de Deus, mesmo quando há distribuição da comunhão eucarística, não se canta o “Cordeiro”.

2.9. Canto de comunhão

O canto de comunhão é um dos cantos mais antigos da liturgia eucarística. A Instrução Geral Sobre o Missal Romano nos adverte que o canto de comunhão “exprime, pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e realça a índole ‘comunitária’ da procissão para receber a Eucaristia” (IGMR, 86).

Para que este “serviço comum” aconteça de forma mais plena, é necessário que, no momento da partilha do corpo e sangue do Senhor, se evite entoar cantos cujos textos apresentam excessivas doses de subjetivismo. Um canto de comunhão que se preze deve expressar a eclesialidade da assembleia celebrante, pois esta também constitui um verdadeiro sinal sacramental do corpo místico de Cristo, a Igreja. Igualmente se deve evitar o uso daqueles hinos eucarísticos que, tradicionalmente, são usados na adoração do Santíssimo Sacramento. Esses hinos são impróprios, pelo fato de ressaltarem apenas a fé na “presença real” de Jesus na Eucaristia e carecerem de outras dimensões do Mistério que celebramos.

Vale ainda acrescentar que o canto de comunhão, na medida do possível, esteja em consonância com o Evangelho proclamado em cada celebração. O *Missal Romano* nos sugere esta correspondência nas antífonas de comunhão para os “grandes” dias. Afinal, a Palavra se faz Eucaristia!

Buscando estabelecer esta conexão entre o canto de comunhão e o Evangelho de cada domingo, é que o *Hinário Litúrgico* da CNBB (especialmente o fascículo 3 – Tempo Comum) previu para os anos A, B e C um refrão tirado do texto do Evangelho do dia, alternado por versos de um salmo apropriado.

³ Cf. FARNÉS, P. Toda plegaria es unitária. In: *Pastoral de la Eucaristia* (Dossiers CPL, 49), p. 34.

CANTAR
O ORDINÁRIO DA MISSA

